

Agroturismo na Serra da Mantiqueira

Agritourism in Serra da Mantiqueira

Rodrigo Veraldi Ismael¹ e Lygia Amadi da Silva Pinto²

¹ Engenheiro Agrônomo e proprietário do Viveiro Frutopia e da Vinícola Entre Vilas. Promotor do Agroturismo na Serra da Mantiqueira, Campos do Jordão.

² Mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional - Professora Pesquisadora do Centro Universitário Senac - Campos do Jordão

{r.veraldi@terra.com.br; lygia.aspinto@sp.senac.br}

Resumo. Os municípios inseridos na Serra da Mantiqueira, envolvendo os três estados, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo desenvolveram nas últimas décadas uma infraestrutura voltada ao turismo de inverno, ecoturismo, turismo de aventura e de negócios. O Agroturismo se propõe a complementar a oferta de atrativos através do uso integral do solo de forma sustentável, expandindo as possibilidades de geração de renda e emprego para toda região, uma vez que os municípios possuem extensas áreas rurais, que hoje se encontram pouco utilizadas. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica e descritiva e considera-se válido o registro, a análise e a interpretação do que já vem acontecendo com alguns produtores da região e a possibilidade de se desenvolver um estudo para a implantação de Arranjos Produtivos Locais da Serra da Mantiqueira.

Palavras- chave: Agroturismo, Serra da Mantiqueira, ecoturismo.

Abstract. The municipalities in the Mantiqueira Mountain Range, involving three states, Rio de Janeiro, Minas Gerais and São Paulo in recent decades developed an infrastructure geared to winter tourism, ecotourism, adventure tourism and business. The Agritourism is proposed to complement the supply of attractive through comprehensive land use in a sustainable manner, expanding the possibilities of generating income and employment for the entire region, since municipalities have extensive rural areas, which are currently underutilized. The methodology used is bibliographic and descriptive research and is considered valid registration, analysis and interpretation of what it has been happening with some producers in the region and the possibility of developing a study for the implementation of Local Productive Arrangements Serra da Mantiqueira.

Key-words: Agrotourism, Serra da Mantiqueira, ecotourism.

Contextos da Alimentação – Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade
Vol. 4 no 1 – setembro de 2015, São Paulo: Centro Universitário Senac
ISSN 2238-4200

Portal da revista Contextos da Alimentação: <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/>

E-mail: revista.contextos@sp.senac.br

Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

1. Introdução

Segundo Paulo Filho (1986), em a História de Campos do Jordão, nos idos de 1950-1960 a região da Serra da Mantiqueira era reconhecida nacionalmente como um polo agrícola, onde podiam ser observadas grandes extensões de áreas ocupadas com frutas e também lavouras extensas. Entre as frutas, a pera, a maçã, a ameixa, o marmelo e até olivas eram produzidas entre outras tantas variedades. Cenouras, batatas, mandiocinha, alho e cebola, foram também cultivados. A influência cultural advinda dos imigrantes japoneses, italianos, alemães, entre outras nacionalidades, fez com que esta região fosse amplamente ocupada pela agricultura familiar e à época se colocava como uma das mais importantes zonas produtivas do sudeste e do país. O município é apontado pela Revista Geografia Universal (apud PAULO FILHO, 1986, p. 511) "como uma das cidades brasileiras mais propícias para a produção de chás, dada a semelhança de seu clima com certas regiões da Índia e do Srilanka – antigo Ceilão".

O autor relata os altos índices de produtividade e qualidade superior à média nacional e cita que a região do Baú foi o grande celeiro de mudas frutíferas, especialmente de oliveiras. Com a expansão de áreas agrícolas para Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, a região foi perdendo competitividade, muito devido as questões de relevo, falta de mão de obra, restrições ambientais e pressão imobiliária. Entre 1980 e 2000, vivencia uma situação fundiária essencialmente urbana, mesmo as áreas remanescentes rurais, passaram a ter vocação de lazer, e por vezes, núcleos habitacionais periféricos. Mas pouco se notava na atividade agrícola. A juventude, não mais se interessava pelas coisas do campo, e um grande êxodo rural fez mudar o perfil socioeconômico da Mantiqueira. Poucos permaneceram em seus sítios, chácaras e glebas. Nos últimos censos agropecuários a região passou a ser uma das mais inexpressivas no contexto do agronegócio nacional.

Recentemente, mais precisamente na última década, um movimento de ocupação de solo tem se mostrado bastante relevante na economia regional. Com um foco na pequena produção, agroindústria e turismo, proprietários de terras estão em busca de diversificação, agregando valores através de novas culturas, com enfoque no Agroturismo, que é uma atividade muito difundida na Europa, e também nos Estados Unidos. No Brasil, a região do Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul já se consagra como pioneira.

Para criar um movimento de Agroturismo, é necessário promover por meio de difusão tecnológica, informações aos produtores, essenciais ao modelo de crescimento que cada região permite, formatar tecnologias que possam viabilizar a produção e também gerar interesse ao principal elo desta cadeia: O Cliente, neste caso, o Turista que já é frequente nesta região, porém está acostumado aos atrativos urbanos, e pouco acostumado às maravilhas do campo. Além de desenvolver um trabalho envolvendo vários setores da sociedade, o poder público, a sociedade civil e as empresas da região devem interagir para promover ações que possibilitem organizar e criar, de forma planejada, roteiros integrando a região. Faz-se importante um preciso diagnóstico para visualizar as potencialidades, o fomento tecnológico com o objetivo de estimular e conduzir novos projetos junto aos pequenos produtores. Para Sanguinetto (2006) o desafio da Serra da Mantiqueira incorpora o uso de tecnologias ambiental e socialmente amigáveis, ecotecnologias ou tecnologias apropriadas às condições, restrições legais e estrutura fundiária local e, como ferramentas desse novo olhar e práticas sustentáveis devem se entrelaçar os propósitos humanos com os grandes padrões e fluxos do mundo natural, a fim de direcionar as ações humanas.

Objetivos da pesquisa

Desta forma, esta pesquisa visa contextualizar e descrever o uso e a ocupação do solo para promover e instalar a modalidade de Turismo Rural ou Agroturismo, como uma alternativa complementar ao desenvolvimento sustentável dos municípios da Serra da Mantiqueira, com vistas a organização de Arranjos Produtivos Locais – APL's.

E ainda pretende: - identificar os produtores e os diversos cultivos da região; - estimular o Agroturismo na região; - promover a divulgação do cultivo regional; - valorizar as heranças gastronômicas regionais; - identificar alternativas de consumo do produto regional com incentivo à pesquisa científica e indicar pesquisas futuras para a discussão, organização e implantação dos APL's.

Agricultura – características gerais e na Serra da Mantiqueira

A agricultura no Brasil tem, por tradição, uma característica voltada à produção de *commodities*, e a agricultura familiar, que produz alimentos de forma generalizada, é desprovida de apoio, ora por falta de crédito, ora por falta de planejamento, ora por falta de apoio tecnológico.

Há que pensar em estimular a substituição de atividades predominantes na região como exemplo a Pecuária a pasto. Enormes extensões de terras, que hoje poderiam estar melhores aproveitadas agronomicamente, ficam expostas a uma subutilização, na maioria das vezes ostentando pastagens pouco produtivas, com uma pecuária inexpressiva, que resulta em danos ambientais e empobrecimento do solo. É o caso das terras situadas nas montanhas da Serra da Mantiqueira, que segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2014) ocupam mais de 60 % da área rural disponível. Talvez por falta de opção, os pequenos agricultores ainda insistem neste tipo de atividade, que pouco contribui para economia regional.

A pecuária a pasto nesta região deve ser substituída por outras atividades agrícolas, uma vez que não existem condições edafoclimáticas favoráveis a esta atividade, e aponta que a atividade nunca será competitiva. Grandes áreas, relevo montanhoso, solos pouco férteis, manejo inadequado, genética fraca, baixas temperaturas no inverno, verões muito chuvosos, ingredientes que somados fazem desta opção uma receita de fracasso, além de ser totalmente insustentável, pode ser analisado abaixo, na tabela de uso do solo na região.

Tabela 01 - Estatísticas Agrícolas, Escritório de Desenvolvimento Regional de Pindamonhangaba - SP, 2007/2008

ITEM	UNIDAD E	N. DE UPAs	MÍNIMO	MÉDI A	MÁXIMO	TOTAL
Área total	hectare	8.539	0,1	63,0	8.428,0	538.277,2
Área com cultura perene	hectare	2.983	0,1	1,4	111,0	4.233,4
Área com cultura temporária	hectare	4.001	0,1	4,8	1.000,0	19.284,5
Área com pastagens	hectare	7.620	0,1	40,2	4.670,0	306.642,3
Área com reflorestamento	hectare	1.754	0,1	39,3	7.739,0	68.999,6
Área com vegetação natural	hectare	5.649	0,1	19,8	7.323,0	111.667,3
Área com vegetação de brejo e várzea	hectare	1.473	0,1	3,5	350,0	5.182,5

Área em descanso	hectare	755	0,1	11,0	345,0	8.281,2
		8.06				
Área complementar	hectare	2	0,1	1,7	700,0	13.986,4

Fonte: PROJETO LUPA-Coordenadoria de assistência técnica integrada, Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo (2014)

Observa-se que a área produtiva com cultura perene e temporária é insignificante comparada a área de pastagens na região. Talvez esta seja uma das origens de alguns problemas, como a falta de mão de obra no campo, uma vez que a pecuária, demanda pouquíssimas pessoas para sua lida, e quando predomina, expulsa os jovens para as cidades, já que não vislumbram perspectivas de trabalho no campo.

Para inverter esta realidade, a exemplo do que foi descrito acima, o pequeno pecuarista deve ser instruído a se organizar e confinar seu gado em piquetes rotacionados, com silos, fenos e alimentação suplementar, de forma a liberar mais terras para outras atividades e consequentemente produzir mais, gerar mais renda e emprego, e também preservar o meio ambiente.

Outras ações também devem ser executadas. Oferecer modelos produtivos atualizados as necessidades do Agroturismo, que primam pelas experiências gastronômicas, ampliando a oferta de frutas, verduras, queijos, vinhos, licores, aguardentes, geleias, conservas, peixes, carnes, embutidos, entre outras opções. Há um mercado enorme a se explorar, uma vez que o público consumidor está ávido por descobertas ligadas ao contexto regional. Em 2014, a Serra da Mantiqueira foi eleita por um estudo publicado na revista *Science* como o 8º local de área protegida mais insubstituível do planeta. Elaborado pela *International Union for Conservation of Nature* (União Internacional para Conservação), o ranking analisou 78 lugares, que englobam 137 áreas protegidas em 34 países. Juntas, essas regiões protegem a maioria das populações de 627 espécies de animais, incluindo 304 espécies ameaçadas de extinção em todo o mundo. A cadeia de montanhas da Serra da Mantiqueira inicia perto de Bragança Paulista, passa por Santo Antônio do Pinhal, Campos do Jordão e se expande pelos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Também foi destacada a importância do desenvolvimento turístico da Serra da Mantiqueira e a criação de um Plano Regional, que resultaria na consolidação de um Arranjo Produtivo Local (APL) de Turismo. De acordo com a Secretaria de Desenvolvimento, Econômico, Ciência Tecnologia e Inovação (SDECTI), uma pesquisa recente apontou que o setor na região, movimentou mais de R\$ 15,2 bilhões e envolveu diretamente 51 segmentos econômicos (MUNICIPIOS..., 2014).

2. Materiais e métodos

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a bibliográfica e perpassa a questão descritiva de projetos que estão acontecendo na região da Serra da Mantiqueira com o objetivo de voltar o olhar para se pensar a construção de um modelo de Arranjo Produtivo Local que irá alavancar o Agroturismo ou Turismo Rural. Para tanto, considera-se válida a descrição, o registro, a análise e a interpretação do que já vem acontecendo com alguns produtores da região e a possibilidade de se desenvolver um estudo para a implantação de Arranjos Produtivos Locais da Serra da Mantiqueira.

Segundo Marconi e Lakatos (1990) a técnica de observação não estruturada ou assistemática, também denominada informal ou espontânea consiste em recolher e registrar os fatos em que o pesquisador sempre sabe o que observar. Vem do fato que o conhecimento é obtido pela sua experiência, atento aos fenômenos que ocorrem, sua perspicácia, discernimento e preparo, além de ter uma atitude de prontidão. Isto se dá quando o pesquisador descreve as possibilidades de Arranjos Produtivos Locais em função do que já se instaurou e acontece em termos de produção e valorização cultural no espaço da Serra da Mantiqueira.

Indica-se, para tanto, um estudo futuro de Metodologia e Planejamento Participativo. Isso irá impactar em projetos de capacitação para diversos segmentos e públicos na implantação de Arranjos Produtivos Locais com a finalidade de alavancar o Agroturismo.

Descreveram-se as possibilidades de Arranjos Produtivos Locais para que se desenvolva uma proposta que alavanque o Agroturismo ou Turismo Rural. São eles: Cultivo de Frutas Vermelhas, Cultivo de Oliveiras, Cultivo de Vinhas, Produção de Destilados, Cultivo de Castanha Tipo Portuguesa, além de considerar como interessante para a região, a Apicultura, a Ovinocultura, a Caprinocultura, a Suinocultura e a Piscicultura.

3. Resultados e discussão

De acordo com Beni (2001) a procura pelo turismo é realizada a partir de diversas motivações, necessidades e preferências dos que o procuram, dando origem a vários tipos de Turismo como o Agroturismo, denominação dada ao deslocamento de pessoas para os espaços rurais a fim de participarem das atividades agropastoris.

Já o documento Diretrizes para o Desenvolvimento do Turismo Rural no Brasil, divulgado pelo Ministério do Turismo do Brasil (apud TRIGO et.al., 2005, p. 580) define o Agroturismo como “[...] o conjunto de atividades turísticas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade”.

Com restrições topográficas dadas pelo relevo acidentado da Serra, restrições legais e características regionais voltadas para a produção familiar em pequenas propriedades, o caminho de desenvolvimento da região terá de incorporar os conceitos de sustentabilidade, buscando o necessário equilíbrio entre economia, meio ambiente, sociedade e cultura. O Agroturismo ou Turismo Rural tem sido apontado como caminho para o desenvolvimento sustentado da Serra da Mantiqueira.

A produção é pano de fundo, mas é preciso iniciar o turista neste novo modelo, por meios de divulgação de roteiros e sinalização viária que promovam uma harmoniosa integração entre os municípios que compõem a região. O Agroturismo não pode ser vislumbrado pontualmente, é preciso um esforço mútuo entre os municípios deste território, visando o desenvolvimento sustentável da região.

Para Brundtland (1991), desenvolvimento sustentável é aquele que “atende as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades”. Envolve um processo de mobilidade do presente para um futuro desejável.

Para Caporal e Costabeber (2004, p.14), “a exigência de novos enfoques de desenvolvimento rural e de estratégias e políticas condizentes com os objetivos da sustentabilidade, em todas as suas dimensões, levaram à busca de conceitos de desenvolvimento rural sustentável, e por conseguinte, de agricultura sustentável”. Uma política pública de educação do campo deve orientar-se pela concepção de que o campo se constitui num espaço de vida, relações, crenças, manifestações artísticas e culturais, ou seja, um espaço de viver bem, da segurança alimentar, da preservação de valores como solidariedade, partilha, companheirismo. Pensar o local, reinventá-lo por meio do reconhecimento dos seus saberes, das suas potencialidades, da riqueza de cultura e da diversidade.

Cinco são as dimensões da sustentabilidade na visão de Sachs (1993 apud GONÇALVES, 2003), a saber, Sustentabilidade Social, Econômica, Ecológica, Espacial e Cultural. Estas vêm de encontro com uma sequência de ações que podem gerar a verdadeira transformação da região em prol da sustentabilidade. São elas:

- 1) Diagnóstico da região;
- 2) Elenco das potencialidades das áreas produtivas;
- 3) Criação de um consórcio de municípios;

- 4) Substituição de culturas;
- 5) Formação do território;
- 6) Fomento tecnológico e financeiro aos produtores;
- 7) Criação de Roteiros;
- 8) Plano de Marketing;
- 9) Promoção do turismo receptivo;
- 10) Associações para fortalecimento dos Arranjos Produtivos.

O Conceito de Território está ligado ao conceito do “*terroir*”, que cada vez mais frequenta nosso cotidiano. Regiões demarcadas, com origem reconhecida é outro instrumento de promoção dos produtos de um território. Diagnósticos de Arranjos Produtivos Locais (APL’s) são imprescindíveis para a implantação desta atividade.

Atualmente, existem diversas possibilidades de Arranjos Produtivos Locais promissores para a região, abaixo seguem alguns deles:

1) Cultivo de frutas vermelhas

As frutas vermelhas também conhecidas como pequenas frutas ou “*berries*” são uma opção muito interessante ao pequeno produtor, pois em pequenas extensões de áreas, é possível cultivá-las com êxito e possibilitam um bom retorno devido ao alto valor agregado. Uma vez que o produtor tenha instalado módulos de produção, é possível integrar pequenas agroindústrias para um melhor aproveitamento da produção com vistas a produção de geleias, licores, destilados, doces, entre outras. Além de agroindústrias, este cultivo permite o produtor abrir as porteiras, para a prática do “*pick and pay*” (colha e pague) permitindo uma experiência muito especial ao turista.

Figura 1: Framboesas para fabricação de geleias e sucos (O AUTOR, 2014)



Figura 2: Morangos orgânicos para pratica do "pick and Pay" (colha e pague) (O AUTOR, 2014)



2) Cultivo de Oliveiras

As oliveiras foram plantadas já há muito tempo nesta região, mas tiveram seu destaque na cidade de Maria da Fé, cidade mineira da Serra da Mantiqueira. Recentemente, com novas tecnologias e genética aperfeiçoada, as oliveiras estão sendo uma ótima opção ao produtor, que já colhe excelentes resultados, como os azeites extra virgens de grande qualidade, fazendo com que se permita criar um produto diferenciado e de alto valor agregado, estimulando o público consumidor a buscar os azeites finos de diversos produtores e também possibilitando incrementar a gastronomia local, assim como iniciar a produção de cosméticos, sabonetes, entre outros.

Figura 03: olivas recém colhidas (o autor, 2014)



Figura 4: Máquina de extração de azeites da EPAMIG em Maria da Fé –MG (O AUTOR, 2014)



3) Cultivo de Vinhas

Recentemente, com novas tecnologias de poda e condução, a Serra da Mantiqueira passou a ser uma região propícia para a produção de vinhos finos de alta gama. A poda invertida, que faz a vinha produzir no inverno, é uma opção para que a uva amadureça em sua plenitude, sem interferência das chuvas de verão. Outra opção é o cultivo protegido, em túneis de polietileno, onde não há exposição das vinhas às intempéries climáticas, melhorando a condição fitossanitária, e possibilitando o cultivo orgânico.

Figura 5: Vinhedo protegido (O AUTOR, 2014)



Figura 6: Uvas *Cabernet Franc* prontas a serem colhidas (O AUTOR, 2014)



4) Produção de destilados

É possível produzir destilados de grande qualidade, com frutas, que após fermentação submetem-se ao destilador. Framboesas, amoras, peras, pêssegos, morangos, maçãs entre outras frutas, podem tornar-se destilados sofisticados, o que agrega na oferta de produtos exclusivos.

Figura 7: Antigo alambique usado para destilar frutas na região de Campos do Jordão (sítio do Sabiá) (O AUTOR, 2014)



5) Cultivo de castanha tipo portuguesa

A castanheira, muito bem adaptada ao clima da região, é uma excelente opção ao pequeno produtor, pois oferece uma grande quantidade de castanhas por hectare, e com elas podem-se preparar doces, farinhas, pães, cerveja, e serve também como uma excelente ração animal, para engorda de suínos e ovinos. Sua madeira é excelente para a produção de móveis.

Figura 8: Castanhas colhidas prontas para o consumo (O AUTOR, 2014)



6) Outras opções

Entre outras várias opções, pode-se considerar como interessante para a região: Apicultura, ovinocultura, caprinocultura, suinocultura e piscicultura.

Figura 9: Filhotes de Javalis de cativeiro (O AUTOR, 2014)



Figura 10: Trutas em processo de defumação (O AUTOR, 2014)

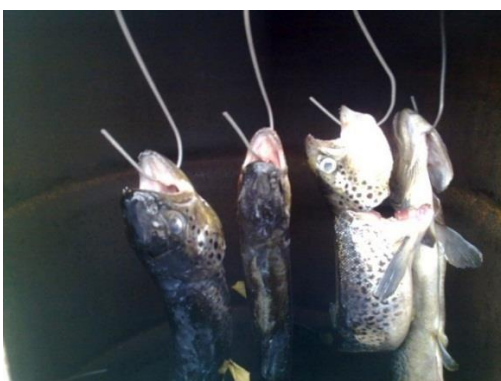


Figura 11: Ovinos da raça Hampshire down adaptados ao clima da Mantiqueira (O AUTOR, 2014)



Os Arranjos Produtivos Locais - APLs – destacam o papel central da inovação e do aprendizado interativo, como fatores de competitividade sustentada, e constituem uma alternativa ao foco tradicional de setores econômicos e empresas individuais (LASTRES e CASSILATO, 2003, p.3). Neste sentido, arranjos e sistemas produtivos locais podem ser definidos da seguinte maneira:

De acordo com o Plano Nacional de Capacitação em Arranjos Produtivos Locais (2014) há a necessidade de analisar-se várias ações vinculadas a nove dimensões distintas de gerenciamento das iniciativas de apoio, apresentadas a seguir: 1) a caracterização das particularidades das economias regionais e do seu potencial em termos da formação de arranjos; 2) ações vinculadas ao engajamento de atores locais; 3) ações para organização e provisão de serviços de apoio; 4) ações para a formação de uma força de trabalho qualificada; 5) ações de estímulo à inovação e ao empreendedorismo; 6) ações de marketing da região; 7) ações para alocação de recursos e investimentos; 8) ações de desenvolvimento contínuo; 9) ações direcionadas à coleta de informações.

No Brasil, segundo Theodoro, Duarte e Viana (2009) os arranjos apontam resultados ainda incipientes, porém promissores. Incipientes porque a interação entre os agentes ainda é esparsa, limitada a eventuais parcerias de vendas e falta fluxo de informações e ações conjuntas. Entretanto, eles são promissores porque há o desejo de vínculos mais estreitos que fortaleçam a troca de informações e possibilitem formas organizativas. O Agroturismo é um excelente gerador de renda e emprego, fixa o homem ao campo (e por vezes traz das cidades), promove o desenvolvimento sustentável, além de renovar a região como um destino turístico mais interessante, incentiva o turista a permanecer mais tempo na região. Pode ser para esta região um grande promotor de riquezas, resgatando costumes, tradições e criando novas possibilidades.

Para McNeely e Scherr (2009) a maioria dos países em desenvolvimento precisa continuar enfatizando a expansão agrícola por meio da produção doméstica. Os governos, as agências de financiamento, o setor privado e as organizações não governamentais devem unir esforços para identificar e promover práticas agrícolas sustentáveis e intensificar os Arranjos Produtivos Locais.

4. Considerações finais

Sendo a região historicamente formada por pequenas propriedades voltadas à produção de subsistência, estreitam-se as possibilidades de continuidade do homem no campo, com a possibilidade de novas práticas agrícolas, ambientais, econômicas e culturais, pelo incentivo ao Turismo Rural ou Agroturismo. Com limitações topográficas dadas pelo relevo acidentado da Serra, restrições legais em função da região estar numa Área de Proteção Ambiental - APA e das características regionais voltadas para a produção familiar em

pequenas propriedades, o caminho de desenvolvimento terá de incorporar os conceitos de sustentabilidade, buscando o necessário equilíbrio entre economia, meio ambiente, sociedade e cultura. Para tanto, tende a promover o Agroturismo de maneira organizada e apoiada pelos três pilares da sustentabilidade - o social, o ambiental e o econômico. Estes se unem para somar todo um contexto sustentável que proporciona ao produtor a possibilidade de oferecer um impacto menor ao meio ambiente e à vida das pessoas.

Esta pesquisa vem indicar para os agricultores da Serra da Mantiqueira a necessidade de se estabelecer uma metodologia e análise dos APL's, como agentes relevantes para o desenvolvimento local. Para tanto, estas estruturas podem ser subdivididas em três grupos distintos, quais sejam: agentes produtivos e empreendedores locais, gestores e multiplicadores locais e executores e formuladores de política para os APL's. Neste sentido, sugere-se que as ações de capacitação tenham como foco os três públicos destacados. Estas devem levar em consideração as demandas específicas de cada um dos grupos, referentes ao tipo de competência a ser desenvolvida nos diversos níveis de agentes.

Desta forma, os arranjos produtivos locais destacados nesta pesquisa se vinculam as estratégias de crescimento econômico com conservação ambiental, ou seja, a ideia de sustentabilidade estar se vinculando cada vez mais ao respeito aos saberes locais é um exercício de reconhecimento e valorização das culturas no incremento do Agroturismo.

Referências

ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS. Disponível em: <http://portalapl.ibict.br/export/sites/apl/galerias/publicacao/Plano_Nacional_de_Capacitaxo_para_Gestores_de_APLs.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2014.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do Turismo**. 4.ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2001.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. **Nosso futuro comum**. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA INTEGRAL, SECRETARIA DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.cati.sp.gov.br/Cati/_produtos/SementesMudas/unidadesDSMM/saobento.php>. Acesso em:

GONÇALVES, Yumi Kawamura. Perspectivas do desenvolvimento turístico em áreas rurais: o caso das Terras Altas da Mantiqueira (MG). **Dissertação de Mestrado**. Instituto de Economia da UNICAMP. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003. Disponível em <<http://biblioteca.universia.net/ficha.do?id=6213341>>. Acesso em: 07 jan. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=350970&search=|infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MCNEELY, Jeffrey; SCHERR, Sara. **Eco agricultura: Alimentação do mundo e biodiversidade**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009. 459 p.

MUNICIPIOS DA SERRA DA MANTIQUEIRA. Disponível em: <<http://www.saobentodosapucai.sp.gov.br/representantes-de-municipios-da-serra-da-mantiqueira-pleiteiam-apl-de-turismo/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

PAULO FILHO, PEDRO. **História de Campos do Jordão**. Aparecida: Editora Santuário, 1986.

PROJETO LUPA. Disponível em: <<http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa/>>. Acesso em: 13 set. 2014.

SANGUINETTO, Evandro de Castro. Design agroecológico de pequena propriedade rural da Serra da Mantiqueira, sul de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Agroecologia**. Disponível em:

<<http://pt.slideshare.net/EvandroSanguinetto/design-agroecologico-de-pequena-propriedade-na-regio-da-serra-da-mantiqueira-sul-de-minas-gerais-brasil-10057524761pb#>>. Acesso em: 13 set. 2014.

THEODORO, Susi Huff; DUARTE, Laura Goulart; VIANA, João Nildo (Orgs.). **Agroecologia: um novo caminho para extensão rural sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. 236 p.

TRIGO, Luiz Gonzaga et. al. **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

Recebido em 15/09/14 e Aceito em 20/10/14.